

"O elo informativo dos cursos pré-vestibulares comunitários"

Exemplo de luta e perseverança



Aos 23 anos de idade, ela é uma autoridade. Roberta Alves de Almeida, ex-aluna de curso pré-vestibular comunitário, com muita persistência e dedicação, venceu. Roberta acaba se formar em oficial da PMERJ (Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro).

Páginas 4 e 5

Governo do RJ fixa cota para negros em universidades estaduais

A lei 3708 sancionada em 12 de novembro pelo governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho reserva 40% das vagas nas universidades públicas para estudantes negros e pardos.

Página 8

Questões de vestibular resolvidas Se já sabe, reveja; se não sabe, aprenda

MOMENTO DE MATEMÁTICA

MOMENTO DE BIOLOGIA

MOMENTO DE FÍSICA

MOMENTO DE HISTÓRIA

Nesta edição pedimos a colaboração de alguns professores de núcleos (pré-vestibular comunitário) para resolver questões aplicadas. As questões, aqui apresentadas, foram resolvidas de forma comentada. As explicações são verdadeiras aulas de revisão nesta etapa final. Confira as dicas e explicações de Aleksandro Maick (Pré-Realengo e Pré-Centenário / Física), André Luís Gomes da Silva (Pré-Matriz / Biologia), Carlos Henrique Moisés (Pré-Taquara / Matemática) e Karina dos Santos (Pré-Posse / História).

Páginas 3,7 e 8

Para fazer a sua cabeça



Dia 20/11/2001 (Terça-feira) comemorou-se no município do Rio de Janeiro o dia da consciência negra. O texto **"ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E CONTRADIÇÕES ÉTNICAS"** de Fernando Pinheiro, publicado nesta edição, possibilita-nos uma reflexão sobre a situação da comunidade negra em relação ao seu direito à educação. O texto traz, ainda, dados estatísticos surpreendentes que merecem atenção e, por que não dizer, indignação.

Páginas 6 e 7

EDITORIAL O SEGUNDO PASSO

A primeira edição do JORNAL PEC (Progresso, Educação e Cidadania), que circulou no mês de Outubro, recebeu o apoio de vários núcleos de pré-vestibulares comunitários (*Pvcoms*). Estávamos certos: a integração informativa de todos os *Pvcoms* era uma carência e, agora, tornou-se uma realidade. Enganam-se aqueles que pensam que foi fácil publicar a edição de Outubro. Foi uma tarefa difícil, quase impossível, muito parecida com as minúsculas chances dos alunos carentes para aprovação no vestibular. Para editar o primeiro número, invocamos muita disposição e persistência e recebemos muitos *nãos* – por mais positiva que a proposta se apresentou aos olhares céticos. Não desistimos e, confiantes, demos o primeiro passo.

Apesar dos elogios à edição de Outubro, identificamos dúvidas que pairaram sobre a cabeça de nossos leitores, as quais trataremos de dirimir adiante.

Para começar, gostaríamos de deixar claro que os realizadores deste jornal são ex-alunos de *Pvcoms*. Hoje estudamos em faculdades, graças aos cursos *Pvcoms*. Não temos, ainda, em nosso quadro, estudantes de jornalismo ou jornalistas formados – isso serve como um pedido de perdão por possíveis incongruências. A idéia de produzir o jornal também partiu de nossas mentes, porque acreditamos em sua importância para alunos, coordenadores, professores e pessoas ligadas à educação comunitária. Em suma: o jornal surgiu e está sendo elaborado por aqueles que sentavam-se nas carteiras para aprender.

Outro registro significativo é que não somos uma empresa constituída, nem um partido político

– cruzes! Não possuímos sede, nem estrutura centralizada para realização deste trabalho. O endereço comercial, aqui divulgado, serve exclusivamente para o recebimento de correspondências e foi cedido por um colaborador. E aqui cabe um parêntese: nossos colaboradores nos ajudam, ora inserindo propagandas (compra de anúncios), ora cedendo algumas ferramentas (computador, fax, telefone, etc) para nosso “empreendimento”. Os colaboradores nos ajudam com material e dinheiro. Este, ressaltamos, é bem menor que aquele – a venda de espaço publicitário não cobriu 30% do custo da primeira edição e, para este número, não cobriu nem 15%. Afinal, quem fará divulgação de seus produtos para um público sem poder de consumo? É óbvio que só colabora conosco, comprando espaço publicitário, quem tem respeito a este trabalho e ao trabalho dos *Pvcoms*.

Os colaboradores, alunos e ex-alunos, que lançaram *em nosso chapéu* incentivo e força (da grana) para viabilizar a impressão das edições, são merecedores de nossa gratidão. Sem eles estaríamos paráliticos. Não teríamos conseguido dar o primeiro nem este segundo passo.

Mais uma vez, convidamos você, que não se apoia no desânimo, a dedicar um momento de atenção a estas páginas. Nelas, você encontrará informações para o seu entendimento e aprendizado. E, ao ler este jornal, tenha a certeza de que você estará de mãos dadas conosco, caminhando passo a passo, unido a uma corrente informativa e solidária, que não admite nada, senão a vitória.

Equipe do Jornal PEC.

PEC Informe Solidário

Av. Emani Cardoso 72, sala 503 - Cascadura - Rio de Janeiro - RJ
CEP.: 21310-310
Telefax: (021) 2454-0052
Cartas para o PEC - a/c. Nilo Sérgio Lameira Borges
Email: nilolameirarj@uol.com.br
Tiragem: 3.000 exemplares

Expediente

Coordenação: Marcelo Pacheco dos Santos e Nilo Sérgio Lameira Borges
Edição: Nilo Sérgio Lameira Borges
Textos: Marcelo Pacheco dos Santos e Nilo Sérgio Lameira Borges
Colaboradores: Aleksandro Maik, Flavia Roberta Carvalho Oliveira, Luciano Amaral e Luana Odara.
Projeto Gráfico e Diagramação: Paulo Almeida (Tel.: 9193-5726)
Agradecimentos: Neilton e Robson (TAE Informática - Tel.: 2756-8359)
Professor Adail Rocha e Pré-Santa Clara

PEC Expresso

“Por Nilo Sérgio”

ASSEMBLÉIA GERAL DO CONSELHO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES (PVNC)

Aconteceu no dia 21/10/2001 no Colégio Santo Antônio, sede do PVNC de Xerém. Na pauta: I- Informes; II-Educação Pública; III- Movimento Negro (convite pelo CONEN Coordenação Nacional de Entidades Negras) e IV-Avaliação do PVNC.

Antes do início da Assembléia os participantes assistiram uma apresentação tetral do Centro de Teatro dos Oprimidos do RJ-Grupo Costa Barros, representando as dificuldades de organizar um curso pré-vestibular comunitário. Os participantes também foram bem recepcionados pela simpática Carla Canuto, ex-aluna do PVNC Posse, aluna do curso de Ciências Sociais da UERJ e uma das coordenadoras e fundadoras do PVNC Xerém.

PROCURA-SE VIVO E SÁBIO

No primeiro número do jornal PEC, deixei claro que haveria um espaço, nesta coluna, destinado à procura de professores voluntários para núcleos em necessidade.

Não recebi, até o fechamento desta edição, qualquer pedido para procura de professores. Isso só pode significar que todos os núcleos estão com seus quadros completos ou que muitos coordenadores não leram nossa edição de estréia. Como sou otimista, prefiro acreditar na primeira hipótese.

CACHORRO-PUC-QUENTE

A experiência vem de um pré-vestibular da Praça Seca-RJ. Buscando formas de arrecadar o valor da taxa de inscrição para o vestibular da Pontifícia Universidade Católica (PUC), dez alunos se organizaram e promoveram na comunidade um festival de sanduíche (cachorro-quente). Resultado: sucesso e lucro garantido. Depois, cada aluno precisou complementar com apenas R\$ 1,70, o valor necessário para pagar a taxa de inscrição. Neste ano a PUC fixou em R\$ 90,00 o valor da taxa de inscrição para seu vestibular 2002.

PASSANDO DOS LIMITES

“... preconceito é a última coisa que eu pensaria do meu grupo em relação a mim. Eles me tratam bem

e são muito atenciosos comigo...” (Fábio, modelo – participante do programa *No Limite* da Tv Globo, exibido no dia 18/11/2001)

“... eu tenho uma filha de 10 anos e não gostaria, de jeito nenhum, que ela se casasse com um negro. Eu não me imagino avô com neto de cabelo sarará, tendo que passar henê...”; “...ele(Fábio) é negro e não tem condições de ter uma garota como essa, loura, a não ser nestas condições de isolamento e precariedade...” (Cláudia Lúcia, dona de casa – participante do programa *No Limite* da Tv Globo, exibido no dia 18/11/2001)

O professor de Direito Penal, Aderlan Crespo, procurou o Ministério Público estadual e entrou com uma representação para instauração de um inquérito contra a competidora. Esta coluna parabeniza o professor pela iniciativa.

SABEDORIA, GEOGRAFIA E HIP HOP



ESQUADRA ZONA NORTE EM AÇÃO

Milton Santos, respeitável geógrafo recentemente falecido, era um sábio. Numa de suas últimas entrevistas para um rede de televisão, ele revelou que não considerava que a linguagem acadêmica tem eficiência para conscientizar as comunidades carentes, elevando-lhes a auto-estima, propiciando-lhes exercício de cidadania e oferecendo-lhes condições de ascensão social. Ele acreditava, para tanto, em linguagens populares oriundas das próprias comunidades. Como exemplo, ele citou a linguagem do hip hop.

Eu, que não sou louco de contrariar o mestre, não posso deixar de indicar os melhores trabalhos de hip hop, anote aí:

Em *Sampa*, Racionais Mc's e Fação Central; no Rio, Mv Bill e Esquadrão Zona Norte. Ouça para crer!

Fique ligado...

AGENDA VESTIBULAR ANO LETIVO 2002

Nota da Redação: Na UFRJ, UFF, UFRRJ e UNIRIO as datas do Vestibular (novas), estão condicionadas ao fim da greve.

MOMENTO DE HISTÓRIA

Karina Lima da Silva*
Núcleo: Pré-Posse

QUESTÃO DE VESTIBULAR DE HISTÓRIA GERAL

(UFF–2000) Christopher Hill, historiador inglês especializado no século XVII, ao examinar a sociedade e a política inglesa do período, denominou-o o século da revolução. Sabe-se que esta revolução a que se refere o autor foi modificadora não somente do perfil da sociedade mas contribuiu, com seus reflexos, para a transformação da Inglaterra e do Novo Mundo.

A partir da referência apresentada, responda:

a) Qual a instituição inglesa, organizada em duas câmaras, que representava os interesses da sociedade, dificultando a ação centralizado dos monarcas?

Resposta: Parlamento

É importante o candidato saber que o Parlamento inglês era dividido em Câmara Alta (Lords) que representava a nobreza tradicional e a Câmara Baixa (Comuns) composta por burgueses. Em 1628 Carlos I assinou a **Petição de Direitos** segundo a qual o rei submetia-se à lei e comprometia-se a não cobrar impostos sem a prévia autorização do Parlamento. Os puritanos liderados por Oliver Cromwell tiveram um papel decisivo, enfrentando o governo absolutista dos Stuart. O absolutismo, ligado ao anglicanismo real, impedia o desenvolvimento dos puritanos e do capitalismo. Em 1689, a Revolução Gloriosa consolidou a autoridade do Parlamento sobre o poder real. Era a

MOMENTO DE MATEMÁTICA

Carlos Henrique Cardoso Moisés*
Núcleo: Pré-Taquara

(UNICAMP) Três planos de telefonia celular são apresentados na tabela abaixo:

Plano	Custo fixo Mensal	Custo Adicional por minuto
A	R\$ 35,00	R\$ 0,50
B	R\$ 20,00	R\$0,80
C	0	R\$ 1,20

a) Qual é o plano mais vantajoso para alguém que utilize 25 minutos por mês?

b) A partir de quantos minutos de uso mensal o plano A é mais vantajoso que os outros planos?

A edição deste jornal recebeu o apoio do
Núcleo de Comunicação Comunitária PROJETO COMUNICAR PUC-RIO



	UERJ UENF AMP	FABES	PUC
Isenção	PRAZO ESGOTADO		
Tx. inscrição	R\$ 49,00	R\$ 30,00	R\$ 90,00
Inscrição	18/09 a 28/09/2001	até dia 10/12/2001	01/10 a 19/10/2001
Cartão confirmação	11/11/2001	10/12/2001	22/11 a 23/11/2001
Provas	02/12 e 16/12/2001	11/12/2001	04/12 e 11/12/2001
Resultado	23/01/2002	13/12 e 14/12/2001	08/01/2002
Pedido revisão	23/01 a 24/01/2002		08/01 a 09/01/2002
Resultado final	02/02/2002	14/12/2001	18/01/2002
Matrícula	05/02 a 07/02/2002	17/12/2001	24/01/2002

derrota do absolutismo e do mercantilismo frente ao liberalismo político e econômico.

b) Quais as consequências do processo revolucionário inglês na ocupação do território norte – americano e qual o papel dessa ocupação no movimento de independência dos Estados Unidos?

Resposta: A forma ideal de resposta seria o candidato explicar as consequências da Revolução Inglesa do século XVII no âmbito da estrutura social, destacando o papel das tensões religiosas, especialmente da ação dos puritanos. A partir daí, o candidato traçaria o quadro econômico e político do final do século XVII, mostrando como a política do Estado inglês incentivou a ida de ingleses para o território americano.

A parte final da resposta envolveria a forma de organização dos colonos e as relações entre economia e religião, decorrentes da experiência do século XVII, que atuaram como constitutivas do ideário de liberdade dos colonos americano, influenciando decisivamente no processo de independência. Os candidatos poderão citar fatos ou nomes que se destacaram na organização da independência dos Estados Unidos.

Lembrete: Com a Inglaterra do século XVII, mergulhada em conflitos internos, a metrópole não exerceu fiscalização severa sobre suas colônias, permitindo que os núcleos de povoamento da Nova Inglaterra se desenvolvessem de maneira autônoma, estabelecendo indústrias extrativas, manufatureiras e de construção naval, que incentivaram o surgimento de um próspero mercado interno na colônia.

***Karina Lima é aluna do curso de História da UFF (Universidade Federal Fluminense), e colabora com aulas de história no Pré-Posse.**

Solução:

- Em primeiro lugar é um problema bem do nosso dia-a-dia.
- Em segundo, é preciso calcular os custos totais para cada plano.

Na letra **a** é dado os 25 min/mês, então:

- Plano A: 35+25.0,50= R\$ 47,50
- Plano B: 20+25.0,80= R\$ 40,00
- Plano C: 0+25.1,20= R\$ 30,00 Portanto, o plano mais vantajoso é o C (R\$ 30,00)

b) Agora é trabalhar como se fosse em física, tudo em função do tempo mensal, ou seja, é preciso isolar o **t**.

Assim:

Se o custo adicional de A<B<C, o plano A, em questão, é menor que o B e o C, logo:

A: 35+0,50t

B: 20+0,80t

C: 1,20t

A<B 35+0,50t<20+0,80t= 0,50t<0,80t<20-35= -0,30t<-15(x-1) = 0,30t>15, logo t>15/0,30= t>50,00

A<C 35+0,50t<1,20t= 0,50-1,20t<-35= -0,7t<-35= (x-1) = 0,7t>35, logo: t>35/0,7=t>50,00

O plano A é mais vantajoso como um tempo de uso mensal maior que 50 minutos

***Carlos Henrique é ex-aluno de pré-comunitário e aluno do curso de Administração da PUC (Pontifícia Universidade Católica).**

Exemplo de luta e perseverança

ROBERTA ALVES DE ALMEIDA, 23 anos, moradora do bairro Jardim Meriti, em São João de Meriti. O que ela faz atualmente? A resposta é fácil: forma fila com os vitoriosos. Confira.

—Como conheceu e entrou para o PVNC ?

—Conheci através de um professor, quando cursava o 2º grau. Esse professor, também, ministrava aulas no núcleo Pré-vestibular para Negros e Carente (PVNC) de Vilar dos Telles. Fiz a inscrição e entrei para o PVNC núcleo matriz. Antes de ser admitida, fui avaliada sobre qual reflexão tinha sobre a comunidade negra; expectativa sobre o projeto e outras questões relacionadas à cidadania.

—Acreditava na competência dos professores?

—Sim, acreditava. Eles auxiliavam bem, apesar do curto espaço de tempo que tinham para explicar as matérias. Eu acredito que um dos objetivos do curso é fazer o aluno entender que ele deve estudar bastante em casa. O professor tem a função maior de esclarecer dúvidas.

—Estudou em rede pública ou particular?

—Sempre estudei em rede pública. Fiz o 2º grau científico e onde estudei o ensino era decadente. Não tive professores de Química e Física. Aí tive que ser um pouco autodidata; tive que aprender essas matérias sozinha.

—Qual o curso que, inicialmente, pretendia fazer ?

—Meu objetivo, inicial, era cursar Medicina. Estudei dois anos seguidos no pré-matriz(PVNC) tentando aprovação em Medicina. Não consegui.

—Como organizava sua metodologia de estudos ?

—Procurei ouvir os professores,

que nos instruíam a estudar as matérias de maior exigência na carreira pretendida. Formei, também, um grupo de estudos, que foi muito importante. Durante a semana dava ênfase a matérias como Biologia, Física e Química já que, no início, pretendia fazer Medicina.

—Incluiu momentos de lazer durante o seu preparo para as provas ?

—Momentos de lazer são necessários. Eu trabalhava durante o dia; estudava com o grupo de estudos à noite e no Sábado tinha as aulas no pré-matriz. Por isso, aos domingos,

“O curso oferece um conhecimento legal muito amplo, porque vamos lidar com a liberdade e direitos civis da população... vamos lidar com uma parte difícil da sociedade.”

procurava relaxar: assistia a um filme...fazia um passeio. Eu e outros membros do grupo estipulávamos um período de estudo, durante a semana, de três a quatro horas. Aos domingos nos dedicávamos ao lazer.

—Quando obteve aprovação efetivamente?

—Em 1999 fui aprovada no vestibular para oficial da Polícia Militar do Rio de Janeiro(PMERJ). As matérias de maior peso para esse curso, são as mesmas para o curso de Direito: História, Português e Redação. Como estudava

bastante a matéria de Biologia, alcancei quase a nota máxima nesta. O mesmo aconteceu na prova de História. Não vi muita dificuldade para obter aprovação para esse curso, que na ocasião tinha uma relação candidato/vaga de 30 por 1. Eu, como já disse, pretendia fazer, inicialmente, o curso de medicina, cuja concorrência é muito superior ao curso para oficial da PMERJ.

—Pretende retomar às tentativas de ser formar em medicina ?

—Agora é difícil. Medicina é um curso que exige disponibilidade integral de tempo. Não tenho como conciliar o horário exigido no curso de Medicina com minhas atividades na Polícia Militar do Rio de Janeiro(PMERJ).

—O curso para oficial da PMERJ está atendendo suas expectativas?

—Sim. As pessoas não têm conhecimento do que se aprende lá. As aulas dão ênfase a conhecimentos na área de Direito. Como seremos oficiais, teremos que tomar decisões. Descobri, inclusive, que também tenho aptidão para ser uma profissional da área de Direito. Estou gostando muito.

—Como funciona o curso ?

—Após a aprovação no vestibular, fui submetida a exames físicos e psicotécnicos — que reprovam bastante. Existe também a avaliação social de cada candidato. Se o candidato tiver algum problema é eliminado. Quando formados, vamos lidar com o bem mais precioso do homem que é a sua liberdade. Por isso, temos aulas de Direito Penal, Cível e, até, Direito do



ROBERTA ALVES DE ALMEIDA

Consumidor. Seremos prestadores de serviço, vamos trabalhar com pessoas, precisamos de conhecimento. As matérias mais difíceis são, também, as relacionadas à área de Direito. Muitos descobrem que não têm aptidão para aprender os ensinamentos nesse campo. As matérias que mais reprovam durante o curso são, consequentemente, Direito Penal e Processo Penal.

—Qual os prós e contras, na sua opinião, na carreira que você está cursando?

—O curso oferece um conhecimento legal muito amplo, porque vamos lidar com a liberdade e direitos civis da população...vamos lidar com uma parte difícil da sociedade. Esses são os prós. O que há de desfavorável é o salário. Esse não é nada compatível em relação à responsabilidade que passaremos a ter. Um oficial trabalha tanto quanto um praça. Quando uma pessoa se dedica com firmeza a um trabalho,

espera receber um retorno satisfatório. Isso não acontece. Um policial não é valorizado como profissional e isso se reflete em seu salário.

—Após a graduação, pretende continuar estudando ?

—O Ministério da Educação e Cultura(MEC) reconhecerá que tenho o 3º grau; que tenho curso superior. Após a graduação, posso fazer concursos públicos que exijam curso superior. Ainda não está definido no MEC se serei nomeada bacharel em segurança pública, mas o reconhecimento como graduada num curso superior já é certo. Tenho mais noção de Direito penal do que muitos estudantes de Direito. Quando eu me formar no curso de oficial da PMERJ vou entrar numa Faculdade de Direito.

—Retornou para o projeto?

—Tive vontade, mas faltou tempo. Estudo em regime de internato — só saio nos finais de semana, quando não estou de serviço. Aí, tenho que estudar porque, muitas vezes, há provas nas segundas-feiras.

—No futuro pretende colaborar com algum pré-vestibular comunitário ?

—Pretendo, com certeza. Quando era aluna no pré-matriz colaborava junto aos grupos de estudo. Pretendo voltar a colaborar dessa forma, no mínimo duas vezes por mês, após minha formatura — quando terei mais tempo disponível.

—Como você vê atualmente o Projeto(PVNC ou outro pré-vestibular comunitário)?

—O projeto PVNC foi muito importante para mim. Ele dá um auxílio e tanto. Não recomendo

a ninguém que estude sozinho para o vestibular. É muito difícil. A sociedade não dá valor ao pobre, principalmente ao negro. O curso fornece todo incentivo para esses grupos irem em frente. Espero que ele continue atuando com a mesma competência de sempre.

Exite algo, em seu pensamento, que pode melhorar no projeto ?

—Estou distante há uns três anos do projeto. O projeto é muito bom, mas nada é perfeito. Na minha época notava que faltava um pouco mais de suporte para o instrutor, que não recebe pelo

“Aulas de cultura e cidadania fornecem o conhecimento e fazem falta na rede pública. Essas aulas estimulam a capacidade crítica dos alunos.”

trabalho que desempenha. Faltava incentivo ao instrutor, para que ele não desanimasse. Os instrutores são a principal base dos cursos. O projeto, também, deveria provocar maior estímulo para que o aluno entrasse numa Faculdade pública. Alguns vestibulandos já entram aqui de olho na bolsa da Pontifícia Universidade Católica(PUC) e se esquecem das públicas. Eu acho que o projeto deve, através de palestras, incentivar mais os seus alunos a ingressarem nas Faculdades públicas.

—Você não acha positiva essa possibilidade de estudo com bolsas da PUC ?

—Sim, é claro. Deve-se incentivar

as pessoas a abraçar essa oportunidade. Mas a prioridade deve ser para as públicas. Eu fiz vestibular para todas as Faculdades, só não fiz para a PUC porque não tinha medicina. **—Dê sua opinião sobre o sistema de cotas em discussão na esfera federal, relacionada com reserva de vagas para negros nas Universidades e repartições públicas.**

—Sou a favor. Isso vai acabar com um problema histórico no Brasil, provocado pela escravidão. Os negros viveram escravizados no Brasil por cerca de 400 anos — sem estudo, sem salário e expectativa — e depois foram libertados sem nenhum auxílio. Isso foi decorando a história e culminou com o envio dos negros para as favelas...para o péssimo ensino público. Por isso, a dificuldade do negro em estudar numa Faculdade e ascender socialmente. Os judeus, após a segunda guerra mundial, conseguiram alguma coisa, porque os negros não podem conseguir ? A política de cotas traduz-se como uma oportunidade. Essa oportunidade, historicamente, já deveria ter sido dada há muito tempo.

—E sobre estudos sociológicos que afirmam que o negro não gosta de estudar ?

—Quem disse isso são sociólogos brancos que nasceram em *berço de ouro*. Eles não nasceram, nem viveram numa favela. Já entrei em muitas favelas, por conta do meu atual emprego, e constatei que cerca de 80% dos moradores são negros. Um menino negro favelado precisa trabalhar para complementar a renda de sua mãe, que na maioria das vezes não chega a um salário mínimo.

Ou ele trabalha ou morre de fome. A alternativa que esse menino segue parece óbvia. É um absurdo dizer que um negro não gosta de estudar. Para um garoto favelado sair daquele meio é preciso muita força de vontade e incentivo. É preciso oportunidade.

—O projeto de pré-vestibulares comunitários vem beneficiando várias pessoas ao longo de sua existência. Você acredita que a formação que essas pessoas terão, aliada com as aulas de cidadania e estímulo à solidariedade que o curso difunde, farão a diferença sócio-cultural da população negra e carente no Brasil?

—Sim. Não restam dúvidas. Aulas de cultura e cidadania, da forma como são ministradas nos cursos pré-vestibulares comunitários, estimulam a conscientização das pessoas em relação aos temas da sociedade. O governo e a mídia não querem isso. É notório: quem tem conhecimento tem poder. Aulas de cultura e cidadania fornecem o conhecimento e fazem falta na rede pública. Essas aulas estimulam a capacidade crítica dos alunos.

—Um recado para os vestibulandos do projeto ?

—Não desistam. Não digam frases como “nunca vou conseguir”; digam “nunca vou desistir”. Fiquei três anos no pré-vestibular e consegui. Vocês vão conseguir também. Estudem bastante. Mantenham a leitura em dia. Em determinados momentos vocês terão sono e cansaço...ah! Tomem um café! E não desistam, não desistam. Essa é minha mensagem de motivação.

Dra. Margareth Alves de Castro
Advogada

Direito do consumidor, Legislação Trabalhista, Responsabilidade Civil, Inventário, Família, Seguro DPVAT.
Av. Emani Cardoso 72 sl. 503 — Cascadura
Rio de Janeiro - RJ CEP: 21310-310
Tels: 2229-5927 / 3087-1904 / 9664-2535
megadvogada@uol.com.br

Acesso ao ensino superior e contradições étnicas

Fernando Pinheiro da Silva

"a noite é assim mesmo, então deixa rolar / qual mentira vou acreditar / tem que saber mentir / tem que saber lidar"
RACIONAIS, 1997.

Extraído da música, *"Qual mentira vou acreditar"*. RACIONAIS, *Sobrevivendo no Inferno*, 1997.

A sociedade brasileira é marcada por contrastes extremamente desiguais quando o assunto é obtenção de direitos de cidadania. O acesso restrito ao ensino mais avançado, como o das universidades, é um reflexo de como a sociedade foi se estruturando. A rede escolar foi formada possibilitando a legitimação do poder de uma minoria, pois, grande parte das escolas públicas, onde esta concentrada a maior parte da população brasileira, são desvalorizadas e sofrem o reflexo do pouco incentivo, de vários governos, em querer melhorar a educação gratuita.

Neste artigo quero apresentar alguns dados que relacionam a dificuldade de acesso nas universidades com desigualdades sociais que se mostram, na maioria das vezes, de forma pouco clara para a maioria das pessoas. As desigualdades no Brasil tem duas condições, ao meu ver, importantes para ocorrer: o não ser branco e o ser pobre. Elas andam juntas e são difíceis de se relacionar em um Brasil que, de certa forma, acha que não possui problemas de racismo. É comum vermos estudos que referem-se somente as questões econômicas como fonte de construção das desigualdades históricas brasileiras.

No contexto mais geral do ensino superior no Brasil ocorre uma enorme contradição. Existem 2.377.715 alunos na graduação, o que corresponde a 1,4% do total da população brasileira, ou 14% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos. Estes números saltam mais aos olhos quando vemos que dos concluintes da graduação em 2000 somente 15,7% são negros

(2,2% de pretos e 13,5% de pardos). A parcela de brancos é de 80%, ou seja, houve o privilégio de ter 64,3% a mais chances destes últimos entrarem e terminarem a graduação³, apesar da quantidade de negros no Brasil corresponder, segundo o IBGE, a aproximadamente 45,3%⁴, numa população de cerca de 160 milhões de habitantes. Estas distorções são a consequência do acúmulo da má formação da vida escolar dos alunos.

Segundo alguns autores ocorre no Brasil um verdadeiro apartheid não oficial, já que atualmente existem cerca de 13,3 milhões de analfabetos com idade de 15 anos para cima. Dividindo a população brasileira por etnia temos cerca de 19,8% de negros e, apenas 8,3% de brancos⁵ analfabetos.

Segundo Hansenbalg e Valle, em 1982, "... para cada 100 alunos que cursavam a primeira série havia somente 45 cursando a quarta série e apenas 21, na oitava série...", quando separado por etnia este dado fica em: "...100, 57 e 29 para os brancos; 100, 35 e 13 para os pretos e 100, 36 e 13 entre os pardos..." onde é possível constatar que "...pretos e pardos têm uma probabilidade três vezes maior de continuar sem instrução ou sem completar a primeira série de ensino..."⁶. Usando dados mais recentes, extraídos do relatório Brasileiro sobre Desenvolvimento Humano (IPEA-PNUD, 1996), de Wania Sant'anna e Marcelo Paixão veremos que a faixa de distribuição escolar por etnia no ensino médio (antigo segundo grau) não fica muito atrás das outras séries. A probabilidade de uma pessoa branca que completou o primeiro grau chegar ao segundo grau é de

57%, enquanto o preto tem 36% e o pardo 46%. Somente 18% dos pretos e 23% dos pardos que completam o segundo grau têm probabilidade de chegar às universidades, frente a uma probabilidade de 43% dos brancos com o mesmo perfil de escolaridade requerido para essa fase de formação. Esses dados mostram que o funil da educação não acontece só no vestibular, mas sim de forma "programada" e a longo prazo.

As possíveis causas de um maior abandono de alunos não-brancos do ensino fundamental e médio podem acontecer devido: as condições sócio-econômicas dos pais dos alunos; a baixa auto-estima do aluno, devido a estereótipos racistas negativos; a disposição do professor em aceitar um "inevitável" pior desempenho de alunos não-brancos, o que faz com que ele se dedique mais a alunos brancos; e as conotações preconceituosas raciais de vários livros didáticos. Os problemas raciais brasileiros são construções históricas que sem sombra de dúvida não podemos menosprezar e nem ridicularizar, pois, senão corremos o risco de nos tornarmos cegos, prepotentes e deterministas quanto a definição de como a sociedade deve organizar-se. A sociedade que segrega promove a lógica de que cada um tem o seu "lugar" específico na sociedade e em hipótese alguma pode romper esta regra estática que é, portanto, hierarquizadora da sociedade.

Não devemos nos preocupar somente com grandes manifestações de racismo, mas também com aquelas manifestações cotidianas que, quase inconscientemente, nós fazemos e que por isso acaba nos deixando insensíveis a exclusão social achando que ditados preconceituosos são aceitáveis. A lógica do "é assim mesmo..." nos transforma em seres brutos que desejam garantir benefícios para si primeiro (farinha pouca, meu pirão primeiro) não por mérito, mas por apadrinhamento e conchavo.

Quando alguém faz uma piada referente a uma pessoa negra e termina dizendo: "quando não caga na entrada, faz na saída" insere aí uma ideologia que atravessa gerações e é tão destrutiva psicologicamente que pode atacar a auto-estima não de uma pessoa ou de coletivos específicos, do tipo: religioso, de classes, de emigrantes, etc..., mas de todo um conjunto social de pessoas que se encontra espalhado das mais diversas maneiras no tecido social.

Essa ideologia atua, portanto, reforçando o preconceito e a discriminação de maneira pejorativa visando transformar, e ridicularizar, o indivíduo desse conjunto num primeiro momento em: incapaz mentalmente, desequilibrado moralmente, inútil para várias atividades (físicas e mentais), criador de problemas, degenerado moralmente, propenso para maldades, etc.... Outra maneira de notar isso é reparando nas gírias de uma conversa, o brasileiro tem o costume de falar o termo "nego" (abreviação da palavra negro?) da seguinte forma: "nego é fogo, só faz besteira" ou "sabe como é, sempre aparece neguinho pra atrapalhar...".

Temos então um problema que se estende de maneiras muitas vezes mais sutis do que simplesmente detectar um preconceito de conotação machista ou discriminação dentro de uma empresa, devido as hierarquias de cargos. Ao observarmos pesquisas sobre a renda salarial média de homens pretos e pardos podemos ver que correspondem a respectivamente a cerca de 63% e 68% da um homem branco⁸. O racismo é uma das piores fontes de exclusão, pois desrespeita a liberdade e a igualdade das pessoas rotulando o ser humano e forçando-o a ter que permanecer em limites estereotipados. No mercado de trabalho, por exemplo, o negro em funções como: atividades técnicas, científicas, artísticas ou administrativas tem participação de

apenas 6,4%⁹. Dentro de um país como o Brasil, que conta com um dos piores salários mínimos do mundo e uma péssima distribuição de renda, estes dados somente são uma confirmação da prática extremamente excludente e seletiva que é o racismo.

As universidades ao proporcionarem o acesso a seus cursos acabam aumentando sem intenção o funil do vestibular para os não-brancos. Podemos ver isso com dois tipos de dados: aumento do valor das inscrições e das vagas, nos últimos cinco anos (vestibulares de 1996 a 2001) da UFRJ e UERJ

O valor da inscrição do vestibular de 1996, na UFRJ, era de R\$35,00 e para 2001 foi de

R\$70,00; o da UFF de R\$37,00 para R\$66,00. Um aumento de 100% na primeira, e cerca de 78,4% na segunda. Comparando com o salário mínimo vemos que nesse período ele só aumentou 51% (de R\$100,00 para R\$151,00). Se levarmos em conta perdas por inflação acumulada podemos supor por que as preocupações com o vestibular não são prioridades das classes mais pobres, que por sinal são as que tem mais pessoas não-brancas.

Só o valor das inscrições não é suficiente para promover a segregação, devemos analisar a quantidade de vagas oferecidas. A UFRJ aumentou somente 2,4%¹⁰ e a UFF cerca de 27%¹¹ o número

de vagas totais no mesmo período citado anteriormente. O crescimento percentual de inscritos tentando entrar na UFRJ chegou a cerca de 30%, ou seja, média de crescimento de 6% anuais¹² de vestibulandos fazendo o vestibular contra 0,48% de aumento médio na oferta de vagas. É neste momento, antes da prova, que o funil age de forma mais eficiente e declarada e, portanto, de forma mais seletiva, excludente, desigual e desumana no final do processo.

O sistema excludente ultrapassa a dificuldade na execução de uma prova, preparada para ser complexa ou capciosa. A roda gira a engrenagem e esmaga não corpos, mas mentes, sentimentos, desejos e o futuro da maior quantidade da população brasileira

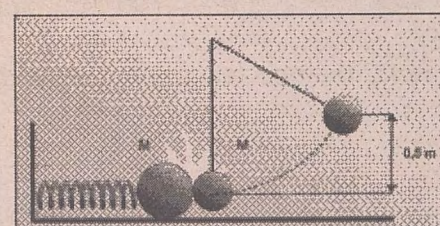
que vai acabar sendo encarcerada nos Carandirus da vida, pedindo esmola na esquinas ou servindo de "soldados" de uma guerra particular do tráfico. Sem referência e sem esperança "o racismo à brasileira" sem conflito mais explícitos (democracia racial?) vai se mantendo. Temos que nos tornar mais responsáveis e encarar estas contradições de frente e discutir como reverter esta dívida que é social e, por isso, cada pessoa tem um pouco de responsabilidade para procurar soluções.

**Fernando Pinheiro é ex-aluno de pré-comunitário, aluno do curso de História da PUC (Pontifícia Universidade Católica) e professor de história do curso pré-vestibular - PVNC - núcleo Piabetá.*

MOMENTO DE FÍSICA

Aleksandro Maick *

(UFRJ-2001) Uma esfera de massa igual a 100g está sobre uma superfície horizontal sem atrito, e prende-se à extremidade de uma mola de massa desprezível e constante elástica igual a 9 N/m. A outra extremidade da mola está presa a um suporte fixo, conforme mostra a figura (abaixo). Inicialmente a esfera encontra-se em repouso e a mola no seu comprimento natural. A esfera é então atingida por um pêndulo de mesma massa que cai de uma altura igual a 0,5 m. Suponha a colisão elástica e $g=10\text{m/s}^2$.



Calcule:

- a) as velocidades da esfera e do pêndulo imediatamente após a colisão;
b) a compressão máxima da mola.

Choques Mecânicos e Princípios de Conservação de Energia

a) Por ser tratar de uma colisão perfeitamente elástica e, um dos corpos estar parado, ocorre troca de velocidade. Contudo, a velocidade do pêndulo só pode ser encontrada pelo Princípio de conservação de Energia. Toda a E_p se transforma em Energia cinética (E_c).

$$E_p = E_c \Rightarrow mgh = \frac{m \cdot V^2}{2}$$

$$\Rightarrow 10 \times 0,5 = \frac{V^2}{2}$$

$$V^2 = 20; 0,5$$

$$V = 10$$

$$V = 10 \text{ m/s}$$

$$\text{Logo, } V_{\text{esfera}} = 10 \text{ m/s; } V_{\text{pêndulo}} = 0$$

b) Para a realização desta questão, exige-se do aluno um conhecimento básico do Princípio de Conservação de Energia. Por encontrar-se numa certa altura h em relação ao solo, o pêndulo possui energia potencial E_p . Ao ser solta e posteriormente tocar a esfera que estava em repouso, esta adquire movimento e comprime a mola. Logo, toda a E_p se transforma em E_p elástica que deforma a mola.

$$E_p = E_{pc} \Rightarrow mgh = Kx^2 / 2$$

$$K = \text{constante}$$

$$x^2 = \text{deformação sofrida pela mola}$$

$$m = \text{massa da esfera em kg}$$

$$g = \text{gravidade}$$

$$h = \text{altura em relação ao solo em metros}$$

$$= mgh = Kx^2 / 2$$

$$= 0,1 \cdot 10 \cdot 0,5 = 9 \cdot x^2 / 2$$

$$= 0,5 \cdot 2 = 9 \cdot x^2 / 2$$

$$= x^2 = 1/9$$

$$x = \frac{\sqrt{1}}{9}$$

$$x = \frac{1}{3} \text{ m}$$

**Aleksandro Maick é ex-aluno de pré-vestibular comunitário, colabora com aulas de Física no núcleo Realengo e Centenário e é aluno do curso de Ciências Contábeis da UFRJ.*

Governo do RJ fixa cota para negros em universidades estaduais

MOMENTO DE BIOLOGIA

Por André Luís Gonçalves da Silva*

(Questão Simulada) Do cruzamento de um casal de ratos de cauda média nasceram ratinhos de cauda média e um ratinho de cauda longa. Pergunta-se:

- Qual é o caráter condicionado por um gene dominante?
- Qual é o genótipo dos pais?

GENÉTICA

A genética estuda como os descendentes herdam as características de seus pais ou de seus ancestrais, isto é, estuda os mecanismos de transmissão da herança e suas variações.

NOMENCLATURA USUAL EM GENÉTICA

Para o bom entendimento de Genética deve-se Ter alguns conceitos bem fundamentados:

GEN OU GENE – É a unidade hereditária responsável pela formação de uma determinada característica.

GENES ALELOS – São gens que controlam as mesma característica e ocupam o mesmo Locus(lugar) em cromossomos homólogos.

CROMOSSOMOS HOMÓLOGOS – São cromossomos semelhantes na forma e no tamanho, apresentando o mesmo número e ordem de Loci Gênicos.

GENÓTIPO – É o conjunto de gens que o indivíduo apresenta.

FENÓTIPO – Corresponde a qualquer característica observável interna ou externamente. É influenciado pelo meio ambiente.

GEN DOMINANTE – é aquele que mesmo em dose simples (um só) no genótipo, é capaz de determinar o fenótipo.

GEN RECESSIVO – É aquele que se manifesta na ausência do dominante, e que só determina o caráter quando em dose dupla.

HOMOZIGOTO OU PURO – É o indivíduo que apresenta par o pares de gens alelos iguais. Ex. AA, AAbb, aaBB, AAbbCC.

HETEROZIGOTO OU HÍBRIDO - É o indivíduo que apresenta par ou pares de gens alelos diferentes. Ex.Aa, AaBb, AaBb, Cc

DOMINÂNCIA – É o fenômeno em que um gen domina o outro, determinado o caráter. Pode ser dividida em dominância completa(total ou temporária), intermediária e condominância.

COMO RESOLVER PROBLEMAS EM GENÉTICA

Em problemas de Genética há basicamente duas situações:

- 1ª – É fornecido o genótipo dos pais e pede-se a geração seguinte;
- 2ª – É fornecido o resultado de um cruzamento entre indivíduos dos quais só se conhece o fenótipo e pede-se o genótipo desses indivíduos ou outra referência o tipo de herança.

No primeiro caso, o procedimento usado é o de verificarmos os tipos de gametas possíveis e associarmos os espermatozoides e óvulos.

RESOLUÇÃO DA QUESTÃO SIMULADA ACIMA

- a) A primeira coisa a determinar é qual dos genes é dominante. Isso é fácil : se ambos os pais de cauda média têm um descendente de cauda longa, isso significa que eles possuem um gene para cauda longa. Apesar

A lei 3708 sancionada em 12 de novembro pelo governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho reserva 40% das vagas nas universidades públicas para estudantes negros e pardos. O governo tem 30 dias para regulamentar a nova lei. A partir do vestibular para 2003, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj) e a Universidade do Norte Fluminense (Uenf) deverá incluir nas fichas de inscrição uma pergunta sobre a cor do candidato. A cota de 40% foi fixada a partir de dados do IBGE que indicam ser de negros e pardos 38,2% da população do Estado do Rio de Janeiro.

A lei acima é fruto do projeto de lei do deputado José Amorim que figurou na primeira edição do nosso jornal. O curioso é que na reunião de Outubro da Educafro, o Frei David Raimundo dos Santos, em discurso, informou que em 1990 conversou com o deputado

sobre a possibilidade de incluir no currículo escolar do município de São João de Meriti (município no qual o deputado era prefeito em 1990) aulas sobre a história do negro e sua condição. O deputado, segundo o Frei David, à época, achou a idéia absurda.

Consultamos o deputado José Amorim sobre o episódio em 1990, esse nos disse, por fax, que não guarda a menor lembrança do Frei David, nem da sugestão de 1990. O deputado disse, ainda, o seguinte: “incluir matéria no curriculum de município não é simples decisão de Prefeito”; “aluno da escola fundamental precisa de conhecimentos gerais e, a história do negro já se insere na própria história do nosso país”; “os professores de história ensinarão o papel no negro no Brasil do contrário estaremos diante de um profissional desqualificado”.

de possuírem esse gene, sua característica é cauda média. É forçoso admitir, então, que os pais têm um gene para cauda média que se manifestou (dominante), e um gene para cauda longa que não se manifestou neles(recessivo).

- b) Escolhemos agora as letras que vão representar os genes, e montamos o cruzamento:

L = média

ℓ = longa

P (Lℓ) x (Lℓ)
 média média

F₁ (L?) x (ℓℓ)
 média longa

A resposta é que os pais são heterozigotos, e seu genótipo Lℓ. É obrigatório admitir que: se tiverem um descendente de cauda longa(ℓℓ), isso significa que ambos produzem gametas ℓ, e são portanto heterozigotos.

OBSERVAÇÃO: repare que os filhotes de cauda média são de genótipo desconhecido; de fato, alguns deles podem ser LL; outros Lℓ. . Por causa da dominância do gene L, não podemos, apenas pela observação de seu fenótipo, determinar o genótipo.

***André Luís tem mestrado de Biologia pela UFRJ e é professor do curso pré-vestibular comunitário - núcleo Matriz.**